

Gestão da Escola de Ciência da Informação no Alvorecer do Novo Milênio

Eduardo José Wense Dias

Júlia Gonçalves da Silveira

Mônica Erichsen Nassif

Entrevista com o professor Eduardo José Wense Dias, realizada no dia 30 de junho de 2010, pelas professoras Júlia Gonçalves da Silveira e Mônica Erichsen Nassif

Nesta entrevista, o Prof. Eduardo José Wense Dias discorre sobre o período de sua gestão (2002 a 2006) no cargo de Diretor da Escola de Ciência da Informação da UFMG. Destaca aspectos positivos, conquistas e dificuldades acontecidas à época, resgatando e registrando acontecimentos imprescindíveis à composição da história recente da Instituição, que ora comemora os seus sessenta anos de existência.

Entrevistadoras - A primeira questão é sobre o seu currículo e os motivos que o levaram a escolher a área. Como foi a sua chegada à Escola de Ciência da Informação?

Prof. Eduardo - Antes de fazer o curso de Biblioteconomia, eu já tinha outra graduação, em Letras, que fiz porque não sabia bem o que cursar quando terminei o segundo grau, então, chamado de clássico. Influenciado por um professor de português, de cuja disciplina gostava muito, fui fazer o curso de Letras. Entretanto, no último ano do curso, não muito animado com a perspectiva de uma carreira docente na área, fiz um concurso para o cargo de datilógrafo da Justiça Federal-Seção de Minas Gerais, tendo sido aprovado. Após tomar posse como datilógrafo, no entanto, o Diretor do Foro, juiz federal Carlos Mário da Silva Velloso, me chamou ao seu gabinete e me falou assim: "Olha, não quero que você trabalhe como datilógrafo. Quero que você organize a nossa biblioteca." Então, fui "organizar" a biblioteca. Não muito depois, começa aquela conversa, típica de repartição pública: "vamos criar o cargo de bibliotecário, mas para ocupar o cargo a pessoa precisa ter o diploma universitário." E foi por isso que decidi fazer o curso de biblioteconomia, para me habilitar a, eventualmente, vir a ocupar o futuro cargo de bibliotecário da Justiça Federal. Entretanto, no meio tempo, resolvi prestar concurso para outro órgão, a Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais. Aprovado, deixei a Justiça Federal.

Em 1974, último ano do meu curso de biblioteconomia, a professora Jandira Batista de Assunção, que era a então diretora da Escola, estava em negociações com a CAPES para implantação de um mestrado na

Instituição. E, como parte das providências para a criação desse novo curso, a CAPES concedeu cinco bolsas para que a Escola pudesse enviar pessoal para fazer mestrado no estrangeiro. Tem-se que lembrar que, naquela época, a Escola não tinha nenhum professor com doutorado e os docentes com mestrado eram pouquíssimos, a maioria vinda do mestrado do IBICT, que era o único existente no país. Então, as opções de formação que se limitassem a cursos no país eram pouquíssimas, sendo a opção pela formação no exterior uma forma de ampliar essas possibilidades. A Jandira conversou comigo sobre a possibilidade de ir fazer o mestrado com uma dessas bolsas e eu me interessei pela ideia. Comecei a dar aula na Escola, como professor colaborador no ano seguinte, 1975, e, no segundo semestre desse mesmo ano, segui para os Estados Unidos, para fazer o mestrado na *Case Western Reserve University*. Terminado o mestrado, em 1976, retornei à Escola e fui recontratado, novamente como colaborador, a partir de março de 1977. Mais tarde, fiz concurso para assistente, quando então passei para o quadro efetivo.

Entrevistadoras – Fale, então, um pouco sobre sua carreira acadêmica.

Prof. Eduardo - Nessa etapa inicial, direcionei minha especialização para a área de automação de bibliotecas, assunto em voga no momento, mas, que já se considerava de grande futuro. Ao mesmo tempo, era assunto carente de pessoal especializado na Escola. Essa temática era de responsabilidade do Departamento de Biblioteconomia, onde fiquei inicialmente lotado. Em 1981, me afastei novamente para ir para os Estados Unidos, para o doutorado, desta vez na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). Entendendo que devia ampliar o foco da minha especialização, decidi por uma formação doutoral em administração de bibliotecas, pois considerava que a automação, assim como quaisquer outras questões tecnológicas, do ponto de vista da biblioteca, é, em essência, um problema de administração.

Fiquei na UCLA de 1981 a 1984, ano em que prestei o meu exame oral de qualificação. Escolhi como tema da minha pesquisa a administração da biblioteca especializada, uma vez que a informação especializada era outra área em que eu vinha atuando, por conta do desenho curricular do nosso mestrado. Aprovado no exame de qualificação, retornei ao Brasil para fazer minha pesquisa do doutorado no país. Voltei a dar aulas e, em 1987, com a tese de doutorado pronta, fui aos Estados Unidos para a defesa da mesma. Obtido o título de doutor, fui promovido a professor adjunto da Escola.

Durante todo esse tempo como docente na Escola, meu contrato era no regime de tempo parcial, porque eu continuava com o meu emprego na Assembleia Legislativa. Então, não tinha muito envolvimento com pesquisa, pois o regime de 20 horas não deixava tempo para isso. Na Assembléia, trabalhei um período como chefe da biblioteca e isso foi antes de minha ida para o doutorado nos Estados Unidos. Quando voltei, passei a ocupar o cargo de assessor do departamento ao qual a biblioteca estava

vinculada, que então se chamava Departamento de Informação e Pesquisa. Esse departamento era o órgão executivo de uma estrutura maior, comandada por um Conselho de Informação e Pesquisa, do qual eu era um dos conselheiros. Mais tarde, fui chamado para outra área que estava sendo criada na Assembleia, a Escola do Legislativo. Como o próprio nome indica, foi um setor criado para cuidar da formação dos funcionários e até mesmo de pessoal externo à Assembleia.

A próxima etapa da minha carreira docente acontece em 1996, quando presto concurso para professor titular. Aprovado, aposentei-me na Assembleia e passei para o regime de tempo integral na Escola. Nessa época, já tinha mudado a minha área de atuação acadêmica. Em 1994, havia passado a atuar na área de tratamento da informação. A pós-graduação sentia necessidade de reforçar essa área, que não tinha ninguém com doutorado, na Escola. Então fui o primeiro e único doutor por um tempo. Começamos a trabalhar, a estruturar a área de "organização da informação". Foi quando decidimos ter, efetivamente, uma linha de pesquisa em organização da informação na pós-graduação, para formar pessoal docente e outros tipos de profissionais, nos níveis de mestrado e doutorado. A partir de 1996, comecei a me dedicar mais e, pouco depois, tive um projeto aprovado no CNPq, passando, dessa forma, a pesquisador do CNPq, com um projeto como bolsista de produtividade em pesquisa. E, assim, começou outra etapa de minha carreira acadêmica.

Entrevistadoras - E que assuntos você desenvolveu nessa linha?

Prof. Eduardo - Nessa organização do grupo de tratamento, sugeri que escolhêssemos grandes temas de pesquisa, em que os professores trabalhariam e se aprofundariam. Um desses temas foi análise de assunto, por sugestão minha. Eu próprio era um dos pesquisadores dessa temática, a Madalena Naves também se interessou e, então, éramos eu e Madalena nesse começo. O projeto do CNPq foi nessa área. Depois fizemos outras pesquisas, a Madalena fez a tese dela nessa área, e eu tive outras orientações de mestrado e doutorado nessa temática e, assim foi, até a minha ida para a diretoria da Escola quando, de certa forma, tive que diminuir um pouco meu envolvimento com a pesquisa.

Entrevistadoras - Por último, quais foram os cargos acadêmicos que você ocupou?

Prof. Eduardo - Ao meu tempo de docente em regime de 20 horas, não podia ocupar cargos administrativos, porque estes geralmente exigiam tempo integral, dedicação exclusiva. Mas fui editor da nossa revista, ainda sob seu nome anterior, Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG. A partir de 1996, é que foi possível passar a ocupar esses cargos e o primeiro deles foi o de coordenador da pós-graduação. Isso foi a partir de setembro de 1999. Fiquei dois anos, fui reeleito, mas não cheguei a completar o segundo mandato porque, antes

do seu término, fui eleito para a diretoria da Escola. Foram só esses dois cargos.

Entrevistadoras - Você teria mais alguma coisa sobre a sua carreira acadêmica que gostaria de destacar? Porque agora, a gente vai falar um pouco sobre a sua atuação na Escola como diretor.

Prof. Eduardo - Sobre a carreira acadêmica eu também gostaria de citar o curso que ministrei no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), em 1978, no mestrado em ciência da informação, oferecido pelo Instituto. Fui responsável, juntamente com a profa. LaVahn Overmyer, da *Case Western Reserve University* (Cleveland, Ohio, EUA), pela disciplina de automação de bibliotecas. Fiquei com a parte inicial do curso e a profa. Overmyer lecionou a metade final. Ainda no âmbito do IBICT, fui membro do seu Conselho Técnico-Científico (CTC), no período de 2003 a 2005.

Estive também na CAPES, na comissão de avaliação dos cursos de pós-graduação da área de Ciências Sociais Aplicadas I, que compreende as áreas de comunicação social e ciência da informação. Participei das diversas comissões estabelecidas a partir de 1998, tendo permanecido até a avaliação trienal de 2007.

Outro órgão do Ministério da Educação para o qual dei minha colaboração foi o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Lá, fui presidente da Comissão Assessora de Avaliação da Área de Biblioteconomia do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE/2006).

Na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação-ANCIB, fui conselheiro desde a primeira gestão fundadora da Instituição, em 1994, até o final da gestão Aldo Barreto, em 2003. Nesse ano, a realização do V Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia (V ENANCIB), principal evento científico promovido pela ANCIB, foi de responsabilidade da Escola e fui o presidente do Encontro.

Em Minas Gerais, fui presidente do Conselho Regional de Biblioteconomia, o CRB-6, de 1978 a 1981.

Entrevistadoras - Fale um pouco sobre as características da Escola à época que você foi diretor. Sobre os setores, sobre as características do curso, características dos professores e dos funcionários.

Prof. Eduardo - Como o término do meu mandato é muito recente, não houve muitas mudanças, não é? São pouquíssimas as diferenças em relação à situação atual. É claro que não havia a graduação em Arquivologia, que começou depois da minha saída da diretoria. Mas, afora isso, eram basicamente as mesmas características de agora.

Vou falar um pouco sobre as conquistas. Uma das coisas que fizemos e que estava no nosso plano de metas, era melhorar os gabinetes dos professores. Uma das características da época era não haver

gabinetes individuais. Todos os professores dividiam os gabinetes com um e até mais de um professor. Tivemos como meta, em nossa gestão, melhorar essa condição e isso foi logo implantado, permitindo que muitos docentes ocupassem gabinetes individuais.

Em seguida, devo mencionar a realização do V Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia (V ENANCIB), em 2003. Foi outra tarefa que ocupou um bom tempo de muitos dos nossos professores e funcionários. Começamos a organização quando eu ainda era coordenador da pós-graduação e, por isso, continuei como presidente da comissão encarregada de realizar o ENANCIB. Procuramos imprimir à realização desse V ENANCIB o caráter de encontro de pesquisa, inscrito na concepção da nossa Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), promotora do evento. Caráter esse às vezes descuidado, por parte de alguns dos encarregados de realizar o Encontro, em suas edições pretéritas. A abertura do Encontro, com conferência magna do prof. Rafael Capurro, nome de destaque no cenário internacional da ciência da informação, contou com a presença, natural, de autoridades da área, como o presidente da ANCIB, prof. Aldo de Albuquerque Barreto. Mas foi prestigiado, também, com a presença da nossa reitora, a profa. Ana Lúcia Gazzola, além de outras autoridades universitárias.

Outra iniciativa, que ocupou uma boa parte do nosso tempo, foi a aquisição de um novo carro-biblioteca, destinado a substituir o antigo, que já não atendia às nossas necessidades. Era algo que já vinha sendo pensado há algum tempo, mas tivemos que tomar muitas providências para efetivar essa aquisição. Envolveu conseguir uma verba em Brasília e isso foi feito com a intervenção da Universidade, principalmente da assessoria da profa. Cecília Nogueira Diniz, então Diretora de Cooperação Institucional da UFMG. De suas gestões, nesse sentido, resultou a obtenção dessa verba na Câmara dos Deputados. Mas, isso foi apenas uma parte do trabalho. Depois, havia, ainda, todo o trabalho de comprar esse carro e proceder a sua implantação. Tivemos que entrar em contato com fornecedores, discutir questões de adaptação do carro às nossas necessidades. Logicamente, esses carros não são feitos em série. Tivemos que mandar alguém na fábrica, no Rio Grande do Sul, para acompanhar o projeto de customização do carro. Um dos arquitetos da UFMG nos ajudou nesse trabalho. Com a chegada do carro à Escola, tivemos a oportunidade de fazer uma solenidade de sua inauguração, em 13 de março de 2006, prestigiada com a presença da reitora Ana Lúcia Gazzola, do então ministro das Comunicações, Hélio Costa, além de outras autoridades.

Bom, outra conquista que merece destaque foi o esforço para manter a avaliação do curso de graduação, no Guia do Estudante, da Editora Abril. Na edição de 2005, ele manteve a pontuação máxima. A pontuação da pós-graduação, na avaliação da CAPES, também foi mantida no período. Nós continuamos com a nota cinco, que era a nota máxima na escala então utilizada. E, finalmente, eu destacaria o Programa de Inclusão Digital da Universidade, que era um programa que foi criado pela FUMP, em 2003. Existia no Campus da Saúde e no Campus da Pampulha.

Neste, localizava-se na Biblioteca Universitária. Mas, a Reitoria percebeu que ele era pouco usado. Então, levou-se a proposta ao Conselho Universitário de tirar da BU e colocar nas próprias Unidades, porque seria uma forma de os alunos terem um acesso mais fácil. Quer dizer, os alunos ao invés de irem à BU, usariam os computadores nas próprias Unidades. Então surgiu, naturalmente, a ideia era colocar em escolas que tivessem um número maior de estudantes. A lógica era que, nas unidades com um maior número de estudantes, os computadores seriam melhor aproveitados. Mas, eu defendi, na reunião do Conselho Universitário, que deveriam ser colocados em escolas onde o perfil sócio-econômico do alunado fosse mais baixo, pois eram esses estudantes que precisavam mais de ter acesso aos computadores. Assim, conseguimos que viessem aqui para a Escola, ao invés de ir para uma escola com muitos alunos. Uma parte dos computadores veio aqui para a Escola e a outra parte foi para a Faculdade de Educação, dentro desse critério de privilegiar os alunos carentes, do ponto de vista econômico.

Quanto às dificuldades, eu falaria da reforma da estrutura administrativa da Escola. Era uma meta que a gente tinha, a de fazer uma reforma da estrutura administrativa da Escola à maneira como a Faculdade de Letras fez a dela, extinguindo os departamentos e criando-se uma outra forma de estrutura. Mas, isso não conseguimos realizar, por diversas razões. Outros assuntos terminaram ocupando a pauta e a ideia não foi para adiante. Um desses assuntos que ocuparam a pauta e foi algo que também nos deu bastante trabalho, foi a reestruturação curricular do curso de graduação. Tivemos muitas e muitas reuniões e havia, talvez, a perspectiva de que isso se resolvesse mais rapidamente do que afinal acabou acontecendo. Inclusive, não chegou a se concluir, essa reestruturação, durante a minha gestão.

Entrevistadoras - Quais eram as características dos professores, dos funcionários e dos alunos naquele momento?

Prof. Eduardo - Bem, nós tínhamos um corpo docente que não se alterava em termos de sua composição, há algum tempo. Era um número em torno de trinta professores, divididos de forma equilibrada entre os dois departamentos. Agora, vínhamos em uma progressão de melhoria da titulação desses professores. Isso foi ocorrendo paulatinamente, já vinha acontecendo há algum tempo. Não tenho os dados, mas, certamente melhoramos a qualidade da titulação dos professores. Na questão dos funcionários, tivemos nesse período uma avaliação. Podemos falar do SINAES, que se refere a todo o grupo de professores, funcionários e alunos. SINAES é o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior, que estabeleceu parâmetros para a auto-avaliação da Universidade, dos seus setores, das Unidades. Então, fizemos a nossa autoavaliação. Cada um dos setores fez um relatório falando das dificuldades, dos problemas. Os resultados estão detalhados em um relatório geral, final, que nós preparamos e encaminhamos para a Comissão Permanente de Avaliação Institucional da UFMG, que foi instituída exatamente para cuidar dessa

autoavaliação. Trata-se de um relatório de umas 60 páginas, onde temos a percepção dos professores e dos funcionários em termos do ambiente de trabalho, de como é o relacionamento aqui, entre outros aspectos. Por exemplo, a questão da comunicação era uma coisa que se sentia ser um problema, as coisas que aconteciam na escola e não eram devidamente divulgadas.

Na medida em que vamos melhorando a qualificação do corpo docente, significa que vamos também tendo a possibilidade de aumentar o número de vagas na pós-graduação, com um número maior de professores orientadores. De forma que também houve, paulatinamente, um aumento do número de vagas na pós-graduação. Quanto aos alunos da graduação, não acredito que houve mudança significativa no período. Essas vagas são fixas.

Entrevistadoras - E como eram as relações da Escola com a sociedade, com o mercado de trabalho, a visibilidade da Escola fora da UFMG e até mesmo dentro da Universidade?

Prof. Eduardo - Acho que essa foi uma relação de pouca visibilidade. O nosso principal meio de contato, nesse sentido, é basicamente o Carro-Biblioteca. Do ponto de vista da Diretoria, não temos uma visão muito detalhada porque acontecem contatos, por exemplo, através das disciplinas, através das pessoas que são convidadas para virem aqui falar. Então, nós temos vários tipos de pessoas que vem falar aqui, não apenas profissionais da área, mas outros tipos de profissionais e sobre os mais variados assuntos. E, não há um acompanhamento disso – quem vem, o que fala. Só quando é algo, digamos, que é promovido pela Escola como um todo, uma palestra geral, uma coisa desse tipo. Com o mercado de trabalho, é claro, a Diretoria recebe muitos contatos de pessoas que querem que a Escola faça serviços, por exemplo. Tem muitos contatos diretamente com a Diretoria, mas raramente se consegue atender a essas demandas. Porque isso tudo teria que ser feito através dos professores e estes estavam muito sobrecarregados, à época. Então, que me lembre, os professores não puderam atender nenhum desses pedidos que apareceram para fazer trabalhos, serviços de competência da nossa área.

No que diz respeito à relação com as demais Unidades, eu destacaria, em primeiro lugar, que temos, claro, uma relação muito próxima com as duas unidades que fazem parte desse mesmo complexo de prédios onde nos localizamos – a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) e a Faculdade de Letras. Nós temos, naturalmente, relações bem próximas. Então, houve casos em que fizemos reuniões com os diretores da FAFICH e da Letras porque havia questões de interesse comum. Uma das questões recorrentes foi a da segurança. De vez em quando, ocorre um problema de segurança e, então, sempre surge a ideia do controle de acesso com crachá, para permitir a entrada no complexo dos prédios. Mas é o tipo da coisa que, passado um tempo, se esquece do assunto. Essa é uma primeira questão que aconteceu muito. A segunda,

que foi tratada em reuniões com diretores da Letras e da FAFICH, foi a questão do estacionamento privativo para professores e funcionários. Não havia, no começo, esse tipo de estacionamento e no final fomos nós que implantamos isso.

Outra relação que mencionaria é com a Escola de Educação Física porque, para a implantação do carro-biblioteca, havia um projeto em que essa Unidade também estaria envolvida. Haveria lá um posto de apoio ao telecentro, serviço que fazia parte dos planos de uso do novo carro-biblioteca. O veículo não era apenas carro-biblioteca, mas, também, telecentro para inclusão digital. No prédio da Educação Física haveria um laboratório, pois esse telecentro exigia um laboratório físico para dar apoio às atividades. Então, tivemos alguns contatos com a diretoria da Educação Física, nesse sentido. Também algum contato com o Departamento de Ciência da Computação porque surgiu a ideia, da parte deles, de fazer uma possível fusão com a Escola. Então, por conta disso, chegou a vir aqui o então chefe do Departamento, Virgílio Almeida, para tratar desse assunto. Conversamos e fiz algumas observações sobre o que eu achava da questão, mas esse assunto também não prosperou, enfim, não se voltou a falar nisso. Com a Arquitetura também aconteceu algum contato. A Arquitetura fez para nós o projeto de reforma da Biblioteca. A profa. Marieta Cardoso Maciel, vice-diretora da Faculdade de Arquitetura na época, é que fez para nós o projeto de reforma da biblioteca, com ajuda de bolsistas do curso de arquitetura. Enfim, por conta do curso de Museologia, também tivemos algum contato com a Escola de Belas Artes e com o Departamento de História, pois ambos também tinham interesse no projeto do curso de Museologia.

Entrevistadoras - E com a Biblioteca Universitária, há algum fato a destacar?

Prof.Eduardo - Sim. Tivemos algumas iniciativas de cursos que eram dados lá e que nos interessavam, além de outras atividades, como palestras, conferências, esse tipo de coisa. O maior destaque mesmo foi relativo à possibilidade de implantar um mestrado profissional no âmbito do nosso programa de pós-graduação. Esse foi um grande contato com a Biblioteca Universitária. Não conseguimos, até hoje, viabilizar isso. Eu devo dizer que é uma coisa realmente complexa, mas chegamos a fazer o projeto do novo curso, tendo o pessoal de nível técnico superior do sistema de bibliotecas como cliente preferencial.

Entrevistadoras - Nesse percurso, que pessoas você destaca, que teriam contribuído para a construção dos cursos da Escola e dos projetos na UFMG?

Prof.Eduardo - Bom, tenho que citar novamente a Profa. Cecília Diniz com a questão do carro-biblioteca, já mencionada. Ela teve um papel muito importante nisso. A própria Reitora, a professora Ana Lúcia Gazzola, porque os recursos do carro-biblioteca faziam parte de um

conjunto maior, que eram os recursos conseguidos na Câmara dos Deputados, para a Universidade como um todo. O empenho dela foi imprescindível para se conseguir esse recurso. Depois, ainda no caso do carro-biblioteca, eu destacaria a Fundep, porque havia necessidade de recursos adicionais para a efetiva implantação do carro. A questão da ligação com a Internet, dos computadores. Havia necessidades de recursos adicionais para todas essas outras despesas e a Fundep colaborou nessa questão aí, não só nos dispensando de taxas de administração para administrar esses recursos, como também contribuindo com alguma coisa para a implantação desse projeto.

Entrevistadoras - Qual a importância da Escola, da Revista, do carro-biblioteca, de que você já falou bastante, dos laboratórios e da própria biblioteca da Escola? Que destaque foi dado em sua gestão?

Prof.Eduardo - Acho todos os três da maior importância e, durante a nossa gestão, procuramos dar todo o apoio possível a essas atividades. No caso da Revista, por exemplo, eu destacaria as primeiras versões para a colocação da revista online. Isso aconteceu em nossa gestão. A revista fez um projeto com a participação do pessoal da Comunicação. Eles fizeram um projeto de viabilização da edição online da revista, tratando do layout e de outros detalhes para essa disponibilização online da revista, a programação visual, enfim. Bom, sobre o carro-biblioteca acho que já foi falado bastante. Quanto aos laboratórios, no caso do Laboratório de Tecnologia da Informação, LTI, nós tivemos melhoras dos equipamentos, inclusive, com ajuda de verbas do Niteg. É claro que o Niteg é beneficiário também. Mas, colaborou na colocação dos computadores, e mesmo na melhoria da distribuição de espaços e colocação das divisórias. Fizemos um esforço para melhorar o site da Escola. Isso aí foi algo que nos ocupou através de discussões com o pessoal do LTI. A política de informação e informática também nós trabalhamos um pouco isso. O pessoal do LTI preparou uma espécie de minuta e nós levamos à Congregação para discussão. Acho que houve progresso, nesse sentido. Quanto à biblioteca, tivemos o início do projeto de reforma elaborado pela Escola de Arquitetura e, também, a obtenção de recursos para execução da reforma, através do projeto CT-Infra, quando conseguimos os primeiros recursos necessários para isso.

Entrevistadoras - Agora, sobre a área de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Como a área era definida à época de sua gestão e quais eram os prognósticos para o futuro? Qual era a participação dos professores da Escola nos eventos relacionados à área?

Prof.Eduardo - A área já vinha há algum tempo, sofrendo a dificuldade de definição por causa do novo cenário surgido com as tecnologias de informação e comunicação, especialmente a internet. Isso provocou grandes transformações que a área ainda não conseguiu traduzir no sentido de encontrar uma definição, uma caracterização nova para ela,

em relação ao que era no passado. Talvez, melhor dizendo, uma dificuldade de definição. Isso a gente sente. Eu, particularmente, senti isso aqui na Escola, nas discussões na pós-graduação, na congregação e em outras oportunidades. Também, como participante das comissões da Capes, tendo que avaliar os demais programas de pós-graduação em ciência da informação existentes no País, havia alguma dificuldade em distinguir, por exemplo, o que é do âmbito da ciência da informação e o que não é. A partir de um determinado momento se começa a falar nessa questão da interdisciplinaridade, como uma forma, talvez, de entender melhor o que é a ciência da informação hoje.

Os prognósticos que a gente ouve, lá fora, são sempre os mesmos: é uma área considerada cada vez mais importante. Mas, nós sentimos a dificuldade de encontrar, digamos, um norte para melhor aproveitar esses prognósticos, que naturalmente são muito bons para a área. Se formos observar, na verdade, o que está acontecendo, aqui, agora, com a criação da nossa graduação em Arquivologia e Museologia, nós podemos dizer que a área está efetivamente crescendo de importância, desse ponto de vista, de um número maior de alunos, o que vai também se refletir na pós-graduação. Nós estamos contratando novos professores. A maioria tem que ser doutores. Logicamente, eles vão também atuar na pós-graduação, o que vai aumentar também o número de alunos na pós-graduação. Então, isso aí é um indicador de um prognóstico bom, um prognóstico de melhoras, de avanço para o futuro da área. Porque significa uma reunião de profissionais com objetivos bem comuns e trabalhando em conjunto.

Entrevistadoras - E a participação dos professores?

Prof. Eduardo - Tivemos uma participação intensa dos professores em congressos, principalmente nos Enancibs, que, por essa época, passou a se realizar anualmente, já que, anteriormente, acontecia somente de dois em dois anos. Participação também nos demais congressos especializados, nos seminários de bibliotecas universitárias, nos congressos brasileiros de biblioteconomia e documentação e ciência da informação e em outros congressos, até mesmo no estrangeiro. Tivemos participação em eventos no México, na Argentina e em outros países.

Entrevistadoras - Como você avalia o contato da Escola com pesquisadores de outras instituições brasileiras e do exterior, e visitas que marcaram a Escola, parcerias que foram realizadas nesse período?

Prof. Eduardo - Bom, devo destacar um professor visitante, da área de organização da informação, que veio da Índia, o professor Koti Raghavan, que ficou cerca de cinco meses aqui na Escola. A Índia tem uma tradição nessa área e a decisão de trazer o professor Raghavan foi no sentido de explorar melhor essa fonte de tantos trabalhos importantes para a área de organização e tratamento da informação. Em seguida, eu mencionaria o Rafael Capurro, que foi o nosso palestrante para o Enancib, e, através do qual, estabelecemos uma parceria mais duradoura, em termos inclusive da participação no Instituto de Ética da Informação que

ele dirige e, do qual, agora sou membro. E a participação dele, enfim, no próprio Enancib, quando fez a conferência de abertura. Com a Ancib, além dessa realização do Enancib, nós abrigamos sua Secretaria, por um tempo, quando era sua presidente a profa. Regina Marteleto. Como era nossa docente, facilitamos os recursos não apenas em termos físicos como também humanos, pois uma de nossas funcionárias teve parte de seu tempo dedicado à atuação como secretária da Ancib. Nesse período, também tivemos uma visita, embora breve, e uma palestra da pesquisadora francesa Viviane Couzinet, por conta das relações com a Ancib e com o Enancib, de que ela veio participar. Tivemos também, aqui, a presença de alguns especialistas, quando estávamos discutindo a questão do currículo para o curso de Arquivologia. Estiveram aqui, em diferentes oportunidades, os profs. José Maria Jardim, da Universidade Federal Fluminense e José Augusto Guimarães, da Unesp/Marília. Finalmente, cito a presença de Ross Todd, diretor científico do *Center for International Scholarship School Libraries, da Rutgers University (EUA)*. Ele veio fazer uma conferência de abertura do III Seminário de Biblioteca Escolar, sobre o tema: impacto de programas de competência informacional na aprendizagem.

Entrevistadoras - E como você vê o papel da Escola na área, no Brasil?

Prof.Eduardo - Bom, o papel da Escola é um papel que continuou sendo de destaque, principalmente por conta da boa avaliação de nossos cursos de graduação e de pós-graduação. Por conta disso, temos uma visibilidade nacional, que se traduz em participações em comissões de órgãos como a Capes e o Inep, eventos, bancas e outros tipos de participações.

Entrevistadoras - E, por último, Eduardo, faça uma comparação da época em que você foi diretor e a realidade contemporânea. O que você acha que mais mudou, o que permaneceu?

Prof.Eduardo - Bom, eu acho que essa pergunta foi pensada para os diretores mais antigos, porque minha gestão é muito recente. Mas, efetivamente, estamos passando, agora, por mudanças muito grandes, com a implantação das novas graduações de Arquivologia e de Museologia, a contratação de novos professores, chegada de novos alunos, certamente com um perfil diferente daquele a que estávamos acostumados. Acho que isso vai representar uma mudança significativa para a Escola. Agora, espero que não mude a qualidade do ensino que é oferecido aqui, essa tradição que temos de ensino, pesquisa e extensão de excelência. Acho que a história da Escola ajudará a manter essa qualidade. Nesse sentido, acho que é importante esse trabalho que está sendo feito de entrevistas com os ex-diretores, por reforçar a questão da história da Escola. Essa importância, esse destaque que ela tem no cenário brasileiro é algo que foi construído ao longo desses mais de 50

anos de sua existência. Não acontece da noite para o dia. Temos que ser otimistas de que vai continuar nesse patamar.

Acho que independentemente dessa mudança para o cenário digital, o eletrônico, as necessidades que a área procurava suprir continuam sendo importantes. Tive oportunidade de falar sobre isso em artigo de minha autoria. Quer dizer, o fato de ter mudado o suporte da informação, não muda tanto o problema de acesso à informação. Pelo contrário, acho que essa questão da explosão da informação só agrava os problemas. Da mesma forma que a explosão da informação em papel, a explosão bibliográfica do século passado, temos agora coisa semelhante, só que nesse outro formato, o digital. Mas, a dificuldade de encontrar a informação continua a mesma. Então, continuamos precisando resolver os problemas dos usuários de acesso à informação. Alguém já falou que as três áreas de maior desafio intelectual da Biblioteconomia são a seleção, a organização e a pesquisa, ou seja, a referência, o atendimento ao usuário. Eu acho que essas três coisas continuam sendo desafios importantíssimos. O problema da seleção, quer dizer, a formação de uma coleção, a gente está vendo acontecer também no ambiente de rede, onde se observa uma trajetória semelhante à percorrida pelas bibliotecas. Veja-se o caso do *Google*, que, inicialmente, aparecia como se fosse a solução para todos os problemas de acesso. Mas, agora, já tem o *Google Scholar*, que é uma espécie de biblioteca especializada. É uma história que nós já conhecemos: começam as bibliotecas gerais, depois nós temos as bibliotecas especializadas, depois temos centros de documentação, centros de análise de informação. Nós estamos vendo o mesmo fenômeno se repetir no ambiente de rede. A roda sendo reinventada o tempo todo. Quando o *Google* se especializa, nada mais é do que o problema de fazer a seleção para se ter uma coleção que atenda melhor ao usuário. Depois, tem-se que tratar essa informação e, ao final, atender o usuário, quer dizer, complementar o trabalho que o tratamento sozinho não consegue fazer. Eu acho que a área continua aí com uma perspectiva enorme de atuação.

Entrevistadoras - Nós também achamos. E, muito obrigada, Eduardo.